



JOSÉ LUIZ TEJON

GUERREIROS

NÃO NASCEM

PRONTOS

Gente
editora

O PODER DO INCÔMODO

“Cada possibilidade nova que tem a existência, até a menos provável, transforma a existência inteira.”

– MILAN KUNDERA

A velocidade dos tempos atuais nos incomoda. Assim como incomodou Milan Kundera, autor de *A insustentável leveza do ser*. Ele também escreveu um pequeno livro ao qual chamou de *Lentidão* que é uma verdadeira pérola. Como ando muito veloz, meu filho me deu um exemplar do livro de presente. Segundo Kundera, o incômodo num mundo onde precisamos ser velozes parece só desaparecer quando conseguimos ser intensos, e acrescenta: “O grau da lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória. E o grau da velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento”. Confesso que isso me incomodou muito, e penso nesta equação-síntese da nossa vida hoje: a conciliação do veloz que se esquece do instante passado e o profundo que se apega à contemplação lenta e suave de cada instante.

“O que incomoda acorda”. O despertador tocou... incomodou, acordou. O incômodo não nos acomoda.

No dicionário, os sinônimos de incômodo são: desagradável, desconfortável, embaraçoso, constrangedor. O termo também está ligado à alteração na saúde, mal-estar, indisposição. No passado diziam os antigos que uma mulher no período de menstruação estava “incomodada”.

Mas prefiro ficar com uma definição bem simples da palavra: incômodo é o que é capaz de incomodar! E quando os sinônimos não nos explicam, vale buscar um antônimo; cômodo, nesse caso. E a comodidade e a própria história

do imperador romano Comodus, um despreparado para a função, já me estimulam intensamente a amar o conceito de incômodo.

Um amigo me disse: “Amor incomoda porque é igual a relógio de corda. Precisa dar corda todo dia, incomoda. Já paixão é como relógio de pilha: não precisa dar corda todo dia, mas, quando termina, jogue fora, pois não vale o preço da bateria”.

Desde os pequenos incômodos, como o zumbir do mosquito, a mosca que caiu na sopa, como Raul Seixas cantou, os quais chamo de **incômodos-mosca**, passando por incômodos que criamos por falsas percepções da realidade e de si mesmo, como manias, cismas, preconceitos e falsos problemas a partir de perigosas generalizações, como: “Ninguém gosta de mim”, “Ninguém me ama”, “Vivo perseguido”, “Sou uma vítima do mundo, do sistema”, “Oh vida, oh azar” – como o personagem Hardy, a hiena do desenho animado *Lippy e Hardy* –, os quais chamo de **incômodos coitadinhos**. E, logicamente, até os grandes e megaincômodos, divididos em dois tipos: os incômodos causados por forças destruidoras, originados de acidentes da natureza, da fragilidade física, das crises e dos colapsos da sociedade, como dores, sofrimentos, traumas, ferimentos, mortes, os quais batizo de **incômodos entrópicos**, e os incômodos gerados pela curiosidade e pela criatividade, motivados pela vontade criadora e preventiva dos seres humanos na busca de soluções ou mesmo dos efeitos *serendipity* comentados neste livro, os quais batizo de **incômodos sintrópicos**. Os entrópicos, também podemos chamar de incômodos-apocalipse, e os sintrópicos, de incômodos divinos.

Temos então quatro tipos clássicos de incômodo. E, atenção, todos eles são os que impulsionam e definem nossa vida.

Precisamos compreender a nós mesmos e nos olharmos sob o ponto de vista desse quarteto poderoso incomodador e definidor de nossa vida.

“Quarteto, Tejon, ou seria um quinteto?” Qual o quinto incômodo perturbador e que pode dirigir nossa vida para o bem ou o mal? E aí vem outra resposta fulminante: os incômodos das ilusões! E o que seriam eles? São aqueles frutos da nossa imaginação. Eles não estão na categoria dos pequenos, moscas, nem dos preconceitos sobre si mesmo, os coitadinhos, e também não nascem das forças da destruição que nos cercam e muito menos dos sintrópicos criadores e criativos de soluções humanas. Os incômodos das ilusões são as tenebrosas confusões entre sonho *versus* ilusão.

Vamos pegar como exemplo o caso de Rose, uma jovem que se considerava “a eleita”. Ela vivia um amor impossível com Antônio, um homem já poderoso, rico e influente casado com uma bela esposa, de família de altíssima renda, mas Rose acreditava ter sido eleita, por poderes e forças superiores, para ser a única mulher, a única pessoa, que levaria Antônio ao ponto mais elevado do mundo. E, enquanto isso não acontecesse, ela jamais viveria satisfeita. Dessa forma, Rose era movida por uma ficção, uma alucinação, uma loucura ao acreditar ser a eleita para proporcionar àquele homem a quem tanto amava o bem maior da vida. O fim dessa história é possível de imaginar. Trágico e tétrico, talvez envolvendo o suicídio de Rose.

Os incômodos das ilusões são os mesmos que fazem com que a ambição, a vaidade, a luxúria, ou mesmo a idolatria, nos levem ao enfrentamento dessas miragens, que nos incomodam profunda e pertinazmente, no caminho da solução delas pelos equívocos das piores escolhas estratégicas, e nos unindo a outras pessoas, possuidoras dos mesmos males ilusórios comuns. O incômodo ilusório pode ser também causado pela opressão errônea ou obcecada de terceiros sobre uma pessoa. Um exemplo: pais que oprimem um filho para ser médico e o obrigam a prestar vestibular de medicina, mesmo totalmente contra seu dom ou sua vocação. A opressão de terceiros pode significar uma tortura cuja libertação exigiria se livrar desses relacionamentos.

Ao sermos tomados por poderosos incômodos imaginários, precisamos fazer o teste de cair na real. Precisamos pedir ajuda e, sem sombra de dúvida, recorrer a especialistas nos campos da psiquiatria, psicologia, psicanálise, logoterapia etc. O incômodo das ilusões causa desgraças gigantescas a pessoas, organizações e até mesmo sociedades inteiras. No livro *A marcha da insensatez*, de Barbara Tuchman (Edições BestBolso), você pode encontrar relatos históricos tenebrosos tomados por falsos incômodos das ilusões. O primeiro deles, segundo a historiadora, se passaria em Troia, quando a cidade estava sitiada pelos gregos. Estes, então, criaram uma poderosa armadilha: ofereceram como presente um grande cavalo de madeira, que deveria ser aceito dentro das muralhas de Troia; com o presente, propunham um falso acordo de paz. Troianos iludidos pelo poderoso incômodo do presente decidiram abrir os portões e trazer o cavalo para dentro da cidade; outros troianos também incomodados – porém sem a ilusão de se tratar de um presente, e sim de uma armadilha – fizeram oposição aos que queriam aceitar o famoso cavalo de

Troia, mas os últimos foram mortos pelos primeiros, e o incômodo ilusório do presente de paz venceu. E a história todos sabemos: do interior da barriga do grande cavalo, soldados saíram, dominaram os portões e os abriram para a invasão do exército grego, que já aguardava o momento preparado para o ataque destruidor. Esse incômodo, que chamo de incômodo de Troia, para significar aqueles que nos carregam para a insensatez. Pois nem toda imaginação, e cada uma delas incomoda, serve para o grande erro. Separar sonhos de ilusões, essa, sim, é uma arte fundamental, distinguindo a imaginação de o homem voar, de Leonardo da Vinci, daquela do alfaiate que costurou uma capa imensa e saltou da torre Eiffel, com um triste fim ao morrer na queda.

Todos podemos viver incômodos de Troia – eu mesmo, quando jovem, nos anos 1960, era o próprio contestador: me sentia um revolucionário. A palavra guerrilheiro para mim significava um herói, um ser nobre, uma alma superior. A guerrilha e os guerrilheiros eram os novos cavaleiros andantes, eram os Robin Hoods daqueles tempos. Românticos. Assim eu também vivia, incomodado por essa imagem. Quase vim a ser guerrilheiro. Fui salvo por outros incômodos mais próximos, no campo da sintropia. Mas olhe ao redor e verá quantos se alistam em facções terroristas, em jogos da morte, em associações secretas, com total convicção desse chamamento... dessa convocação!

Esse, vou batizar de **incômodo-murro-em-ponta-de-faca**, em homenagem ao título do livro do meu amigo Roberto Shinyashiki, *Pare de dar murro em ponta de faca* (Editora Gente). Nele, Roberto pede: pare de repetir a mesma maneira com a qual reage ao que incomoda, sempre escolhendo a forma errada. Então, aí está o incômodo-murro-em-ponta-de-faca – são grandes erros cometidos por uma teimosia quase alucinatória. Cuidado com os opressores externos que também podem nos conduzir a isso.

Então, para estimular você a olhar para si mesmo, lá vou eu me oferecendo ao laboratório provocador, para, sim, incomodar você, nos melhores e justos sentidos:

Incômodos-mosca: pequeninos e desprezíveis incômodos que, se deixarmos, tomam proporções gigantescas, e assim podemos viver como Dom Quixote lutando contra moinhos de ventos, acreditando serem gigantes e poderosos inimigos. Proponho pensar então num incômodo-mosca nosso, para o identi-

ficar e apagar da nossa mente, pois significa distração e ruído inútil aos nossos sensores cerebrais. Eu tive vários incômodos-mosca. Aqui vão três exemplos.

Tinha o incômodo-mosca de temer o escuro. Achava que o escuro era horrível e que ali, por não haver claridade, eram criados monstros e minha vida corria riscos imensos, apenas por ser escuro. Uma belíssima tolice que foi expulsa da minha cabeça pela providência de meu pai amado, meu pai adotivo, Antônio, que passava horas ao meu lado no escuro, depois acendia a luz, provando que o que havia ali era a mesma coisa que tinha na luz, a única diferença estava na falta da claridade. Parei de ter medo do escuro e aprendi a ter sempre uma lanterna à mão, em casa e no carro, para momentos de falta de luz.

Outro incômodo-mosca era amarrar sapatos. Eu não sabia amarrar sapatos, e isso me angustiava muito. Eu ficava pensando: o que vou fazer se o laço do meu sapato, que era dado pela minha mãe, abrir? E se me mandarem tirar o sapato? Vivia angustiado com essa coisa tola de não saber dar o laço no cadarço. Um dia minha mãe parou de fazer isso e me obrigou a aprender. Fiz e me esqueci daquele incômodo, que foi muito útil para me pôr em contato com as coisas que eu mesmo precisaria enfrentar. Mas vamos pensar em coisas mais adultas, os incômodos-mosca adultos – por exemplo, o fato de eu ficar muito irritado com a fila do banco, ou do check-in do voo em que estou, e sempre achar que a outra vai mais rápido. Típico incômodo-mosca que não leva a nada, pois a pior coisa que fazemos é mudar de fila e imediatamente constatar que aquela em que estávamos andava mais rápido do que a nova, para onde acabamos de mudar.

Até Pelé, o Rei do Futebol, por pouco não foi vítima de um incômodo-mosca. Vaiado num jogo por perder um pênalti no comecinho de sua carreira no Santos, ele decide não ser mais jogador de futebol. Arruma as malas e numa manhã sai fugindo do campo do time, por uma de suas portas. Porém, eis que se dá uma bendita providência divina: nesse instante, surge Sabuzinho, o filho da cozinheira, que o vê partindo e o impede. E Pelé hoje diz: “Se não fosse o Sabuzinho, eu talvez nunca tivesse sido o Pelé”. E tudo por causa de um incômodo-mosca – vaias e xingamentos, algo comum para um jogador de futebol.

Explodir incômodos tolos é um bom início. Escolha três seus e identifique-os; comece por alguns do passado que já não fazem mais parte dos seus incômodos e localize algum contemporâneo, como: “Continuo me incomodando com a mudança nos portões de embarque nos aeroportos”.

Incômodos coitadinhos: ah, esses são poderosíssimos. E, sim, precisamos identificá-los para compreender, tratar e crescer com o abandono desses incômodos. De novo aqui vou eu.

Já vivi o incômodo coitadinho acreditando, por exemplo, que nenhuma moça se apaixonaria por mim. Eu achava que não teria namoradas e que jamais me casaria, teria família e filhos. Era um pobre coitadinho e vítima. Tratava-se de um incômodo que habitava minha mente, um autopreconceito. Eu o enfrentei sem querer, a partir da música, da arte, da criação, e ia sentindo que a admiração das pessoas existia e que, mesmo as moças, as quais imaginava que jamais seriam sequer minhas amigas, pelo contrário se transformavam em amigas imensas, e descobri que esse sentimento de coitadinho sobre mim mesmo não passava de uma miragem defeituosa amplificada pela minha mente, a partir de outro megaincômodo – esse, sim, o entrópico, o incômodo-apocalipse – da queimadura na face aos 4 anos de idade, como já relatei em *O voo do cisne* (Editora Gente) e neste livro, no capítulo 14. Explodir incômodos coitadinhos abre portais para seguirmos, agora, sim, numa grande jornada para a vitória da nossa vida, os três incômodos seguintes.

Incômodos entrópicos (ou incômodos-apocalipse): esses são fortes, pois são causados por ambientes e forças da destruição. Sejam eles acidentes catastróficos, tsunamis, furacões, terremotos; sejam eles incômodos das crises, dos colapsos da sociedade, falências, perseguições; sejam, ainda, os incômodos da nossa fragilidade humana, doenças, mortes, alterações genéticas e celulares. Esses grandes e reais incômodos podem ser os que depois nos fazem um enorme bem, nos alçando a voos inimagináveis. Como Viktor Frankl, filósofo e psiquiatra, que, tendo passado a Segunda Guerra Mundial em campos de concentração, ao sair se transformou num dos maiores especialistas humanos na arte da superação, criando a logoterapia, na qual afirma: “O ser humano que tiver um propósito, um sentido pelo qual valha a pena viver, vai superar quase todos os ‘como viver’”. E, assim como esse, vários casos revelados neste livro.

O incômodo que vim a ser para os meus pais adotivos, Rosa e Antônio, foi impensável. Porém, foi a partir desse grande incômodo-apocalipse para eles, a lata de cera derretida na minha face aos 4 anos de idade, que realizaram o que jamais na vida poderiam um dia pensar: transformar esse filho num guerreiro e nunca numa vítima.

Incômodos sintrópicos (ou incômodos divinos): esses são os nobres. Albert Einstein estudando visualiza, por estar incomodado com as respostas da ciência até então, algo novo e propõe a teoria da relatividade, que levou anos para ser comprovada e aceita. Monteiro Lobato, incomodado com o imaginário infantojuvenil, cria o seu *Sítio do Picapau Amarelo*. Maurício, incomodado com as peripécias de sua filha, se inspira e cria a Mônica, e com ela todos os gibis do Estúdio Mauricio de Sousa.

Incomodado com a crise do petróleo nos anos 1970, Bautista Vidal se transforma no guerreiro do Pró-Álcool brasileiro. Incomodado com as terras fracas brasileiras, onde nada se poderia plantar, Cirne Lima, então ministro da Agricultura, cria a Embrapa, o que tira o Brasil da condição de importador de alimentos e o coloca como o principal agente da segurança alimentar do planeta.

Incômodos-murro-em-ponta-de-faca: esses são fundamentados nas forças ilusórias. A pessoa poderia ser uma ótima produtora musical, mas, sem chegar perto de ser um virtuoso, teima em querer ser um João Carlos Martins, o melhor intérprete de Bach do século XX, e teima numa persistência irreal. A pessoa é ótima vendedora, mas toda vez em que é promovida para gerente comete os mesmos erros de arrogância, altivez, pois se acredita humanamente superior a todos os demais, numa visão ilusória e falsa de si mesma. E assim se repete, e desse modo a maneira com a qual responde aos incômodos de sucesso e de busca de êxtase se revela sempre frustrante. E onde está o pecado capital dessa pessoa? Na própria maneira com a qual aquilo que a incomoda se origina: numa grandiosa imagem de si mesma, num espelho disforme onde caberiam centenas de narcisos. Cuidado especial com a opressão alheia que pode obrigar um ser humano a querer vir a ser aquilo que não nasceu pra ser. Pais, herdeiros, chefes, muito cuidado com isso. Sem querer, e muitas vezes bem intencionados, levam outra pessoa a “dar murro em ponta de faca” repetidamente. Libertar-se da opressão é a saída ascensional para essa pessoa.

Assim, seja qual for o seu incômodo, nenhum deles nos acomoda, e saltar para novas camadas representa a nobre arte de evoluir com velocidade no curtíssimo espaço de tempo de apenas uma vida na Terra.

Até não fazer nada incomoda. Logo ficamos tomados pela monotonia. A preguiça pode incomodar muito àqueles que convivem conosco, mas também incomoda muito ao próprio preguiçoso. Por quê? Simples: ao final, não impor-

ta o nível desse preguiçoso, que nada quer fazer, muito menos trabalhar, ele vai querer receber e ter, da mesma forma como os que recebem pela meritocracia. Aí, então, explodirá algo incomodante e perturbador. O não ter. Ah, mas e se esse preguiçoso quiser apenas *ser*, e não está nem aí com *ter*? Nada será da mesma forma. É impossível *ser* para aquele que não extrai de suas entranhas um valor. Logo, sofrerá dos incômodos de não ser e de não vir a ser. Talvez a forma com a qual possa resolver esse incômodo, se não se transformar e saltar de patamar, seja a resignação, caindo então na faixa do incômodo coitadinho.

A dor incomoda. Mas, se não sentíssemos dor, não buscaríamos a solução para ela. Logo, a dor é um santo incômodo, pois nos acorda para atitudes que visam à cura da dor. “Ah, Tejon, mas o ideal seria não sentir dores.” Também acho, então vamos falar dos santos incômodos, os divinos, os sintrópicos. Aquilo que nos acorda para nossa evolução material, mental, espiritual.

Exemplos de incômodos divinos:

Bia era uma jovem bela e plena de sonhos. Apaixonou-se por um rapaz. E, ao começar, toda paixão é um delicioso incômodo. Ainda no início dos seus estudos, estava confusa com a profissão a seguir. A dúvida, outro brutal incômodo. Mas, tomada pelo foco e pelo fogo da paixão, acabou tendo sucessivamente duas crianças com esse rapaz. Duas crianças, para uma jovem solteira e ainda dependente dos pais para viver, poderíamos chamar de um excelente incômodo. Dessa forma, a jovem Bia foi exposta a diversas situações, sobre as quais qualquer um de nós diria: “Nossa, que situação, que incômodo!”

Então vamos espremer esse exemplo e concluir: jovem, bela, indecisa com os estudos, ainda sem trabalho, sem uma carreira, com dois filhos, solteira, dependente e carregando uma grande frustração amorosa.

E o que fez a Bia? Todo incômodo ou nos ergue, levanta e faz crescer, ou nos deixa arrasados, caídos e nos faz descer. Para a Bia, essa sucessão de fortíssimos incômodos na juventude a fez evoluir e crescer de maneira sensacional. As duas crianças se transformaram em um sentido e um propósito pelo qual valeria a pena viver. Representaram, também, uma consciência na necessidade de agora, como mãe, dar exemplo, definir seus estudos, lutar por uma profissão, uma carreira, e assegurar para seus filhos boas condições de vida, escola, alimentos, saúde. A Bia hoje é uma enfermeira com nível universitário e faz pós-graduação, é apaixonada por sua vida e fez dos seus incômodos os degraus de sua ascensão. Ela é um exemplo vivo e real de uma brilhante superação.

Geralmente associamos superações com grandes viradas que damos na vida após algo trágico, traumático. Meu próprio exemplo é considerado um caso de sucesso, de superação, a partir da minha história.

E por que admiramos esses exemplos? Não canso de relembrar a maravilhosa dona Jô, da Apae; meu amigo do coração, o querido maestro João Carlos Martins; meu amado mestre Marcos Cobra, o maior autor de marketing do Brasil que tanto me inspirou e me inspira; Joseval Peixoto, gênio do jornalismo e uma referência para mim; celebridades como Ronnie Von, um *gentleman* genial e bravo guerreiro; o mestre das tintas esparramadas, o artista plástico Ed Ribeiro; a mãe Kirley com seu menino João Gabriel, em Uberlândia, com paralisia cerebral; a jovem Tamara Angel, que a partir dos sofrimentos do bullying em redes sociais da sua infância se tornou uma artista adorada pelo público teen e gravou minha música “Limites”, e tantos outros casos fantásticos, nos quais a superação nasceu de um brutal e gigantesco incômodo e foi transformada num show exemplar da vitória humana, acima de todo e qualquer destino.

Todos os incômodos do mundo.

Porém, o poder do incômodo está sempre presente na vida de todo ser humano. Se você prestar atenção, mesmo nos momentos mais felizes, alegres, algo nos incomoda. Numa festa de aniversário com amigos queridos, sinto o incômodo da falta de grandes amores da minha vida já falecidos. Meus pais, tios adotivos. Penso em como meu pai biológico, ignorado, se arrependeria de não ter me conhecido se pudesse ver no que me transformei. Sinto uma saudade enorme da minha mãe biológica, de quem não me recordo fisicamente, apenas por fotos e histórias contadas por outros. Essas lembranças não são incômodos considerados ruins ou desagradáveis. Não, eles incomodam pelo amor, pela felicidade. E espero que você, leitora e leitor, abra a mente para passar a prestar atenção em todos os seus incômodos, pois ali existem as grandes forças para a sua transformação, seu sucesso.

“Mas, Tejon, devo ficar procurando incômodos, então, para ser feliz?” Nunca. E aí reside o lado tenebroso do viver. A vida, por sua natural forma de existir, já nos oferece provocações constantes e permanentes, a todo tempo. Já na concepção, nos obrigando a transformações e mudanças sequentes, e isso não para nunca, até o último dos últimos instantes, num derradeiro suspiro, o qual, até esse para ser soprado, de alguma forma ainda incomodará o pulmão para se mexer e esse arzinho expelir e suspirar.

O oposto ao nobre uso do poder do incômodo está em duas vias. A **primeira** é a fuga da vida, ou através de vãs tentativas de estar vivendo na Terra, mas não aceitar e ficar procurando outro mundo que pode estar em outro lugar, mas com certeza aqui não o encontrará. Representa isso irmos em busca de distrações da nossa percepção, para criarmos um reino de utopias e fantasias e mergulharmos dentro dele. Mas mesmo nessa via estaremos incomodados por provar nossas visões, conquistar pessoas que sigam a mesma estrada, e nossos incômodos serão aqueles originados da visão das fantasias, que logo deixam de ser ilusões, pois viram realidade. Mas qual diferença existe nessa via, que chamo de ilusória? Os incômodos ilusórios nos afastam do real e verdadeiro aprendizado da vida terrena. Abordei isso em outro livro, *O beijo na realidade* (Editora Gente), no qual escrevo: “A diferença entre sonho e ilusão está no fato de que o sonho é um desejo veemente, e ilusão, o engano do sentido e da mente. Sonho é o que fazemos com a realidade enquanto sonhamos, e ilusão é o que a realidade faz conosco enquanto nos iludimos”.

Seria como se vivêssemos uma vida postiça, em que o falso vira a realidade e os incômodos existentes ali nos servissem não para o aprimoramento, mas para um distanciamento cada vez maior. Para mim, significa vida jogada fora.

Os incômodos que nos fazem olhar para os voos da alma são de fundamental importância nas descobertas e nos compromissos mais terrenos. Quando fui ao Armageddon, Tel Megiddo, em Israel, onde escrevi *O código da superação* (Editora Gente), me permiti conversar comigo mesmo, tendo ao meu lado o cenário de um lugar com 7 mil anos de história, que foi destruído e reconstruído 27 vezes, e onde João escreveu o livro do Apocalipse. Ali também compreendi a fúria divina de preferir os frios e os quentes e de expelir os mornos como vômito de sua boca. Ali conversei com as pedras, as únicas que superaram o tempo, e ali pude amadurecer a certeza de que um dia somente a paz poderá prevalecer. Mas para alcançarmos tudo isso é preciso ser travada uma gigantesca luta, e que, como guerreiros que somos, não nascemos prontos. Aqui estamos para a luta. A luta que vale a pena ser lutada, pela autodignidade e pela dignidade para todos.

A **segunda via**, que objetiva solucionar incômodos, são as que nos afastam definitivamente do êxito. Essa via, de consequências entrópicas e destruidoras está no vício: ele anestesia o cérebro, nos distrai e nos rouba a percepção da realidade, como o vício das drogas e do alcoolismo. Ele nos transporta ao irreal das tempestades alucinantes. E, ao sermos vencidos pelo vício, por não podermos mais viver sem a fuga do enfrentamento das realidades e nos conduzirmos como alucinados drogados, perdemos o poder sobre nós mesmos. A fuga nas

drogas nos faz crer que, até para sermos criativos, especiais e trabalharmos melhor, dependemos desse mecanismo químico que atíça áreas surpreendentes do cérebro. Logo em seguida a esse domínio passamos a ser comandados por outro incômodo, que nos leva a um encadeamento destruidor da nossa possibilidade de luta legítima na Terra. O novo incômodo que a fuga do mundo nos impõe então será o de continuar fugindo, e isso tudo tem um preço material, de aquisição de alucinógenos, de destruição da saúde e de desgraças aos seres com quem vivemos. E a partir daí criamos gigantescos incômodos para quem nos cerca, envolvendo despesas de cura e sofrimentos consideráveis.

Os incômodos são os evidentes sinais com os quais o mundo e suas realidades se comunicam conosco. A forma com as quais enfrentamos as causas dos incômodos e como as resolvemos, as soluções trabalhadas, fará toda a diferença para uma vida sintrópica, ascensional divina ou ao seu contrário, entrópica e decadente apocalíptica.

A alma humana deseja progredir; ninguém nasceu para ser infeliz como pressuposto. Vamos buscar uma vida material boa, conforto. O que não temos e gostaríamos de ter representa um dos exemplos dos incômodos. Você vê na sociedade pessoas com casas, carros, sítios, viagens, carreiras que admira. Então isso o incomoda positivamente, e você também quer obter isso. Aí está instalado o incômodo. Agora, a forma de solucionar fará a diferença para você entrar num ciclo criador positivo, uma roda viva aspiracional ascendente ou um ciclo destruidor negativo, uma roda morta decadente.

Solucionar incômodos de poder, aquisição de bens, fama, obtenção de sucesso, proeminência na sociedade, riqueza, com os meios do crime, do roubo, das fraudes, da violência, do engano, da traição, em função da inexorável lei de causa e efeito, arremessará essa pessoa numa roda nefasta e morta na qual o aparente sucesso ilude e engana e termina por condená-la ao autoextermínio do autoengano.

E de onde costuma surgir o seu carrasco, o seu algoz, o seu maior inimigo? Do lado de dentro, do interior das organizações criminosas, ou mesmo dos acordos realizados entre grupos para prevalecerem injustamente sobre outros. Quer dizer, quando o jogo não é jogado nas regras olímpicas, os que se desviam desse hábito terminam, num ciclo de tempo, destruídos pelas próprias armadilhas criadas. E agora, com tecnologia abundante, o ciclo de vida malévolos diminui consideravelmente o seu tempo de vida útil.

Logo, fique de olho na origem do que o incomoda e preste atenção na inteligência com a qual você vai responder ao mundo.

Quero incomodar você positivamente

O incômodo tem poderes decisivos na história da humanidade. O incômodo por ganhar guerras nos fez desenhar e criar armas cada vez mais poderosas. A bomba atômica decidiu a guerra com o Japão. Logo em seguida nos trouxe outro gigantesco incômodo, a marca das vítimas de Hiroshima e Nagasaki e suas dores que nos afligiriam para sempre. E temos então o incômodo da possibilidade de guerras nucleares, indo até a destruição do planeta. Esse fato cria organizações, consciência e lutas pela não proliferação de armas nucleares e gera pessoas com um nobre sentido pelo qual vale a pena viver: o desarmamento das ogivas nucleares.

O mundo caminha para 10 bilhões de pessoas nos próximos quarenta anos. Quatro nascimentos a cada segundo, e vem aí um grande incômodo. Onde morar e como oferecer saúde, alimentos, empregos, mobilidade e qualidade de vida para todos? O reconhecimento desse incômodo gera soluções na ciência, tecnologia, agropecuária, regras éticas do capitalismo consciente, empreendedorismo e cooperativismo.

Logo, grandes incômodos, grandes mudanças. E grandes incômodos, grandes seres humanos.

Coisas que uma vez inventadas jamais serão “desinventadas”. Todas surgidas de incômodos. Como levar coisas consigo? O homem cria a mala. Mas e o incômodo de carregar a mala? Cria a alça. Imaginem malas sem alça! Mas fica pesado levar com alça, um incômodo. Cria as rodinhas.

As sementes geneticamente modificadas livram os produtores da lagarta Helicoverpa. E isso pode acomodar. Logo vem outro incômodo, as lagartas criam resistência. Dessa forma é preciso criar áreas de refúgio nas lavouras, onde não se plantam sementes geneticamente modificadas. Há uma roda-viva de incômodos interminável.

O *incômodo* é genial na nossa vida... Tudo o que nos incomoda não nos acomoda... e a não acomodação é tudo na transformação da vida.

Gosto muito do incômodo, por considerar o cômodo traiçoeiro, maquiavélico, anestesiante e um ardiloso engano para aquele que nele se permite deitar e adormecer.

Meus pais adotivos me ensinaram 11 máximas do viver, 11 poderes que me incomodaram ao longo de toda a vida e que com certeza me trouxeram até aqui. São elas:

1. O trabalho é digno, não importa qual seja. Trabalhe sempre, e isso o protegerá.
2. Nunca peça dinheiro a ninguém. Pedir um prato de comida, um abrigo, faz parte da digna justiça humana, mas nunca peça dinheiro. Ofereça um trabalho, não aprenda a pedir.
3. Jamais roube o que é do outro. Seja honesto.
4. Seja corajoso, não tenha medo do mundo e de ninguém, mas não seja metido a valente. Os valentes ficam arrogantes e sempre encontrarão alguém mais valente que eles. Coragem, sim, valentia, não.
5. Estude, filho, estude e estude. O estudo é a melhor coisa do mundo. E admire as melhores pessoas onde quer que você esteja.
6. A beleza de um homem será a grandeza do seu caráter. Não se preocupe com a queimadura do seu rosto, filho, e sim com o seu caráter.
7. A sua palavra é o maior contrato do mundo, palavra dada, filho, palavra cumprida.
8. Trate a todas as pessoas muito bem. Não exclua pessoas malvestidas, pobres, humildes. Trate a todos bem, nunca se assuste com aquilo que a você parece diferente.
9. Seja educado, filho, não se esqueça de dar lugar no ônibus aos mais velhos, respeite seus professores, cumprimente, agradeça, e não se esqueça das palavras que abrem todas as palavras: por favor e obrigado.
10. Não deva nada a ninguém, filho. Não faça dívidas se não as puder honrar. E sua liberdade será sua independência financeira.
11. “Sua mãe adotiva ama você imensamente, filho”, me dizia meu pai, “jamais se esqueça disso na vida e nunca a magoe”.

E, dentre todos os 11 incômodos poderosos que me acompanharam desde a pequena infância, este último, a frase secreta que meu pai adotivo me dizia, o amor de minha mãe adotiva por mim, me fez decidir acima de centenas de tentações de desvio de conduta, pois na hora das escolhas uma voz berrava dentro de mim: “Isso vai magoar muito sua mãe... Você vai fazer?”. Então prevalecia dentro de mim um comando superior, o do amor de uma mãe adotiva, o qual não poderia ser maculado...

“Puxa vida”, vocês diriam, “que sorte, Tejon, ter tido uma família adotiva como essa, não?”.

Com certeza... sorte existe.

Então, o poder do incômodo não está naquilo que costumamos associar com as dores, os traumas, os sofrimentos. O poder do incômodo está na descoberta de algo que nossa curiosidade chama, está nos valores de caráter da nossa criação, está nos avanços da ciência, no conhecimento que nos obriga ao movimento.

O poder do incômodo está em tudo e não permite a acomodação.

Hoje a cada sete anos ficamos obsoletos. Precisamos de um começar de novo, não importa o campo profissional no qual atuamos. Incômodo.

Hoje as gerações são diferentes dos tempos antigos e já nascem mediáticas e “ímediáticas”. Incômodo.

Hoje não temos mais aquelas ideias do mesmo emprego eterno e da aposentadoria aos 60 anos, pois vamos viver mais de 100. Incômodo.

Hoje não conseguimos nada sozinhos. Estamos condenados à cooperação. Fazer só nos faz ir rápido, mas juntos nos assegura irmos longe. Incômodo.

Hoje conhecemos vários amores e precisamos aprender a nos apaixonarmos e desapaixonarmos com elegância. Incômodo.

Hoje somos bombardeados por múltiplas e diferentes visões de mundo, ficamos confusos e podemos perecer se a distração vencer a concentração. Incômodo.

São imensos os incômodos. E quanto maiores eles nos surgem, quanto mais incomodantes eles se apresentam, e quanto mais se tratar de incômodos verdadeiros, e não de ilusões dos sentidos e da mente, mais nascerá desses incômodos a grandeza da pessoa, a construção do caráter e da personalidade.

E, ao construirmos um caráter, nada no mundo nos superará, e venceremos a todos os destinos e acasos.

Os 8 Cs da vitória no poder do incômodo

Coragem: O mundo não foi e nunca será um lugar fácil de viver. Coragem para esse incômodo é o primeiro e fundamental passo.

Confiança: Precisamos confiar em nós mesmos, e para isso é necessário conhecer nossas forças. Saber nosso dom, nossa vocação. Obter o sentido, o propósito pelo qual vale a pena viver. Sem a confiança em nós mesmos não conseguimos confiar nos outros. E se não confiarmos na possibilidade da ação conjunta humana não alcançaremos o próximo passo.

Cooperação: Tudo na nossa vida será o resultado da nossa arte de cooperar. Não haveria mundo sem a cooperação das moléculas, dos genes, das células. Não haveria Universo sem a cooperação das forças gravitacionais entre sistemas solares e galáxias. Não seremos nada na vida sem a compreensão da força da cooperação.

Criação: Depois de sabermos cooperar, conseguiremos criar. Toda criação será sempre resultado de cooperação. Muitas vezes reunimos fatores que foram iniciados por pessoas as quais nunca vimos, como ocorre na ciência, na filosofia, na religião, na administração, em tudo. A criação é um ato conjunto e cooperativo.

Consciência: Com os fatores anteriores e dominando as possibilidades de criar, aprendemos a potencialidade de enfrentamento das incertezas e das mudanças inevitáveis na vida e no mundo.

Conquista: Com a consciência, podemos empreender o ato corajoso da conquista. Para conquistar precisamos estar tomados por um foco arrebatador e com ausência de dúvidas. Não há espaço para duvidar no instante presente da luta conquistadora. E ela não será falsa se nascida dos procedimentos anteriores.

Correção: Depois da conquista, a sabedoria está em efetivar as correções. A autocrítica e o melhoramento permanente e constante. O fim não está na conquista – pelo contrário, um novo início toma vida a partir desse ponto.

Caráter: Assim fechamos o ciclo da arte do poder do incômodo: a construção do caráter humano. Caráter esse com prevalência do longo sobre o curto prazo, com predomínio dos impactos realizados sobre tudo o que nos rodeia – meio ambiente, sociedade e o destino das riquezas.

Não nascemos prontos, mas podemos aprender a aprender, e assim, bem incomodados, cresceremos a partir do majestoso poder do incômodo. Faça o melhor uso dele na sua vida e para a vida de muitos.

Estimada leitora e estimado leitor, se você se sente incomodada ou incomodado, eu fico feliz, pois conseguirá encontrar meios para superar e vencer esse incômodo. Como vimos, há os incômodos duros, sofridos – eu mesmo vivi esse incômodo, devido à adoção, à queimadura facial e aos anos de hospitais públicos, porém esse “incômodo” fez muito por mim e por minha vida. Existem os felizes incômodos do brincar e aprender a brincar, do jogar e aprender a jogar, do fazer música e aprender a compor, das invenções que nos atijam a criação. E os maravilhosos incômodos dos valores, dos fundamentos,

do bom senso e da arte da vida, com respeito, humanidades e dignidade. São aqueles incômodos que soam fortes dentro de nós na hora das escolhas e que nos ajudam a escolher bem. E o que significa escolher bem?

Jamais querer resolver aquilo que nos incomoda à custa do sacrifício e do malefício dos outros. Se assim for feito, aquele incômodo vai gerar outro incômodo, que gera outro, e a rede malévola terminará por afogar em suas próprias ondas todos aqueles que não perceberem que acima do poder do incômodo existe a inexorável lei de causa e efeito e suas conseqüências.

O Brasil em que nasci não existe mais. Está em transformação. Um grande incômodo da categoria apocalipse, mas o qual juntos vamos vencer, avançando para a categoria do incômodo divino.

O Brasil é o lugar mais sensacional da Terra para viver. E o brasileiro, na reunião de todas as raças que representa, o mais humano povo do mundo, pois a todos aprendeu a misturar e integrar.

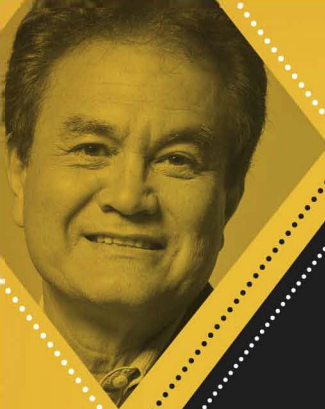
Você está incomodado com isso? Eu estou. “E acredita mesmo nisso, Tejon?” Sim. Simples, por que eu e você somos brasileiros.

Viva o incômodo e transforme-o na alavanca evolutiva e ascensional de sua vida, em todos os sentidos.

Termino este capítulo com um trecho escrito pelo filósofo francês Pierre-Joseph Proudhon, que viveu no século XIX:

Preso num círculo, nosso espírito se revolve sobre si mesmo, até que uma observação nova suscite novas ideias e nos liberte a imaginação. Era desconhecida a lei da gravidade, ninguém a vê, mas ela está lá. Quando arremessamos algo para o alto, a coisa retorna ao chão. Existe ali um incomodar, uma força que tudo atrai à terra. Desse incômodo, aprendemos um princípio exterior que nos livra de fantasmas que antes ofuscavam nosso entendimento.

– PROUDHON, *¿QUÉ ES LA PROPIEDAD?*



O dia virá
Pode faltar a escola
Mas não o interesse
em aprender

Pode faltar o carinho
Mas não o tato de acolher

Pode faltar até o pão pra manter o corpo
mas não a alma alimentada

Podem faltar caminhos
Mas não a estrada
Que não falte amanhecer para o crescimento
que não falte Deus como documento para o salto,
para a frente para o alto para os outros
para a transformação sem ferir sem
se armar sem ofender

O guerreiro brota a cada esquina,
das necessidades urgentes supera
o osso, supera a si....
Ao longo da jornada...

Mensagem
especial de
**CARLINHOS
BROWN**
para este
livro.



Este livro fala de lutas. Lutas que nos servem de exemplo, que nos ensinam estratégias. Lutas que mostram que não é fácil correr atrás daquilo que queremos. Mas nunca devemos nos ajoelhar perante o destino porque essa é, nas palavras de José Luiz Tejon, “a essência da alma forjada na têmpera forte dos grandes guerreiros”.

Em *Guerreiros não nascem prontos*, Tejon leva ao leitor palavras inspiradoras, mostrando que o caminho para a realização não chega sem obstáculos. Tejon despertará o guerreiro em você, ajudando-o a fazer escolhas inteligentes, alinhadas com os valores da sua vida. Entre outros pontos da ética do guerreiro, aprenda aqui:

Construa sua identidade • Saiba o que você representa
Não deixe que os outros o definam • Aceite seus próprios desafios
Não tenha medo de ser o primeiro

–O livro vai que vai revolucionar sua carreira e sua vida.–



Visite-nos:
@EditoraGente
facebook.com/editoragentebr
www.editoragente.com.br



Carreira

ISBN 978-85-452-0054-3



9 788545 200543